

Vamos brincar na terra? uma experiência de valorização e resgate da cultura infantil com moradores da comunidade de Arraiol na Amazônia Amapaense

Are we going to play on Earth? an experience of valuing and rescuing children's culture with residents of the community of the Amapaense Amazon

Priscilla Pantoja do Nascimento Brandão

Mestranda em Educação na Universidade Federal do Amapá. Macapá – AP – Brasil
prilpe@outlook.com

Ângela do Céu Ubaiara Brito

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade do Estado do Amapá. Macapá – AP – Brasil
angela.brito@ueap.edu.br

Resumo: O trabalho discute o brincar ribeirinho da comunidade de Arraiol - Arquipélago do Bailique-AP. Investiga-se como o brincar contribui para a constituição da cultura infantil desta comunidade? Objetivou-se analisar o brincar, os brinquedos e brincadeiras para compreender como essas práticas sociais influenciam na constituição da cultura infantil do contexto investigado. O estudo utiliza como fundamentação, autores como Dewey (1976), na compreensão de que a criança vive a experiência como processo de aprendizagem, em Brougère (2012) que analisa o brincar como fenômeno cultural em uma perspectiva sociológica. Outro eixo de análise sustenta-se no diálogo acerca da interpretação das culturas em Geertz (1989), dentre outros. A metodologia fundamentou-se no paradigma qualitativo, no uso da História Oral. Os resultados parciais demonstram que o brincar da terra é presente na comunidade. Mas, que é necessário um enfoque maior nos estudos envolvendo a temática, já que as produções ainda são escassas, principalmente na Amazônia Amapaense.

Palavras-chave: Brincar. Culturas infantis. Comunidades Ribeirinhas. Multiculturalismo. História Oral.

Abstract: The work discusses the play Riverside of the community of Bailique-AP archipelago. Do you investigate how play contributes to the creation of children's culture in this community? It was aimed to analyze the play, the toys and games to understand how these social practices influence the Constitution of the child culture of the context investigated. The study uses as grounds, authors such as Dewey (1976), in the understanding that the child experiences the experience as a learning process, in Brougère (2012) that analyzes the play as cultural phenomenon in a sociological perspective. Another axis of analysis is maintained in the about dialogue of the interpretation of Cultures in Geertz (1989), among others. The methodology was based on the qualitative paradigm, in the use of Oral History. The partial results show that the play of the Earth is present in the community. But that a greater focus is needed in the studies involving the thematic, since the productions are still scarce, especially in the Amapaense Amazon.

Key words: Play. Children's cultures. Riverside communities. Multiculturalism. Oral history.

Introdução

O trabalho aborda a investigação do brincar e a cultura infantil, que se fundamenta na história oral, peculiar de vivências na comunidade ribeirinha, realizada na comunidade de Arraiol, no Arquipélago do Bailique- AP, na Amazônia Amapaense. Propõe estudar os saberes culturais do brincar dos moradores para entender como a criança constrói seu próprio conhecimento social e cultural, assim investiga o brincar como um elemento mediador para a compreensão da contribuição dos jogos, brinquedos, brincadeiras na constituição das culturas infantis.

Os diálogos envolvendo a cultura, e as culturas infantis mais especificamente, aproximam-se da temática multicultural, quando se referem a forma como se enxerga a criança e do espaço que ela ocupa atualmente na sociedade, pois a conjuntura atual costuma naturalizar a estrutura social desigual e adultocêntrica existente, que não leva em consideração as vozes, saberes e potencialidades da criança, dando a entender que são seres ignorantes, com saberes superficiais e que por isso não tem algo importante a expressar. Ainda nos dias de hoje, a criança é constantemente estigmatizada, vista de forma estereotipada, como ingênua e facilmente manipulável.

Por conta dessa invisibilidade que a ela tem sido atribuída, o referido estudo reflete a importância que a criança e sua cultura têm na sociedade, trazendo o brincar como um processo formativo, que contribui significativamente em seu desenvolvimento integral e aprendizagens. Neste sentido, indaga-se de que forma o brincar e os brinquedos auxiliam na construção da cultura infantil das crianças da comunidade de Arraiol? Objetivou-se analisar o brincar, os brinquedos e brincadeiras para compreender como essas práticas sociais e culturais influenciam na constituição e valorização da cultura infantil do contexto investigado. A metodologia fundamentou-se no paradigma qualitativo, no uso da história oral, que analisa o contexto a partir das narrativas dos sujeitos, para compreender os fenômenos sociais em foco.

1 O contexto da comunidade de Arraiol

A comunidade de Arraiol é uma vila de ribeirinhos que fica localizada na zona rural do município de Macapá, capital do estado do Amapá, mais precisamente na zona Norte do Arquipélago do Bailique, distrito que está situado no leste do estado brasileiro do Amapá. O

distrito do Bailique dista 160 a 180 quilômetros da capital, Macapá. São cerca de 7 mil habitantes espalhados pelas 8 ilhas do arquipélago (Brigue, Curuá, Faustino, Franco, Igarapé do Meio, Marinheiro e Parazinho). Com cerca de 40 comunidades e 1.700 quilômetros quadrados de área, incluindo água e continente (IBGE, 2016).

A Vila Progresso, é a maior e mais estruturada das ilhas do arquipélago, trazendo com isto alguns problemas sociais como as drogas e a marginalidade, o que dificilmente é visto em comunidades com menos influências urbanas, geralmente as mais afastadas e menos populosas. A comunidade de Arraiol possui suas características peculiares, uma comunidade pequena, na qual a sabedoria, união e força de vontade se fazem presentes como principais características desse grupo.

Arraiol, está localizada em uma das áreas mais afastadas do Arquipélago, um pouco mais próxima do oceano Atlântico, tanto é, que em determinadas épocas do ano, em tempos de maré alta, pode se sentir o gosto salgado do oceano nas águas do rio. Conhecida e marcada por sua religiosidade católica, Arraiol tem sua comunidade base que se manifesta em seus cultos dominicais, nas novenas, nos terços, na festividade anual em honra ao santo padroeiro, nas visitas pastorais, enfim, em uma série de atividades envoltas ao fazer cristão.

Por ser uma comunidade mais afastada, sofre poucas influências do brincar urbano, na qual preserva muitos saberes e brincar da terra, bem como brinquedos do chão, feitos com elementos naturais, aproveitados da própria natureza, tendo como exemplo os bois de coco ou de cuia, que são feitos pelos pais ou pelas próprias crianças, com os quais elas brincam de “curralzinho” imitando os pais em suas tarefas diárias, neste caso o cuidar dos bois.

Em seus escritos, Lopes (2007), destaca que a comunidade possui diversas conquistas, que foram conseguidas por meio de muita batalha. Conta com o projeto viveiro florestal, uma biblioteca comunitária, posto de saúde comunitário, cantina comunitária, associação de moradores, além do centro de vocação tecnológica (CVT) – agro biodiversidade do Bailique, que acontece na modelagem da Pedagogia da Alternância, um embrião da escola família agroextrativista do Bailique, na comunidade do Arraiol, gestada pelo Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e comunicação do Governo Federal e coordenada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

2 As Culturas Infantis ribeirinhas

A cultura infantil é socialmente produzida pela criança com base em tudo o que a

cerca, principalmente em seu ato de brincar. Nesse processo, a criança estabelece relações, seja com os adultos, com outras crianças ou com os elementos materiais pertencentes ao seu meio social. A cultura infantil também se revela como fator fundamental na formação da identidade do meio em que a criança está inserida, podendo ser considerada parte do patrimônio imaterial da comunidade.

Neste sentido, Dewey (1976), acreditava que há íntima relação entre a experiência e a educação, porém, não basta a existência da experiência, mas a qualidade da mesma, isto é, as experiências precisam ser positivas, pois, nem toda experiência é educativa, havendo aquelas que podem produzir dureza, insensibilidade, incapacidade, restringindo, portanto, a possibilidade de outras experiências mais ricas.

Também, para Vigotsky, (2007) o desenvolvimento e a aprendizagem estão sempre relacionados, por meio do ambiente físico e social a criança inicia seu aprendizado bem antes de chegar no espaço escolar, com os conhecimentos derivados de experiências pessoais, concretas e cotidianas, que são chamados de conceitos cotidianos espontâneos.

Na mesma linha de pensamento, Gilles Brougère (2012), analisa o brincar como fenômeno cultural em uma perspectiva sociológica. A cultura lúdica, em suas características, diz respeito a relação da criança com a cultura em uma ótica antropológica, investigando desenvolvimento físico, evolução material e cultural, costumes sociais, características raciais, crenças etc.

Para Carvalho e Ferreira (2006) a cultura do ribeirinho, a sua maneira de se expressar corporalmente, é influenciada pelas suas experiências e como ele interpreta e se posiciona diante desses fatores. O trabalho exercido, predominantemente rural, e a forma de brincar das crianças trazem particularidades ao cotidiano dessas comunidades e influenciam a dinâmica de suas práticas e na construção da cultura. Deste modo, a cultura das crianças ribeirinhas é muito corporal, e abrange a maneira como eles se relacionam e se manifestam no mundo objetivamente e subjetivamente, no sentido de revelar a sua consciência e sua história, por meio da motricidade (CARVALHO; FERREIRA 2006).

Arenhart (2016, p. 147) considera que “a natureza da atividade do brincar, por si só, já é um espaço privilegiado de produção cultural da infância, pela possibilidade que as crianças têm de, por ela, experimentar, reproduzir e recriar a realidade e suas regras”. Compreende-se que é principalmente por meio da brincadeira que a criança vai construindo sua visão de mundo e estabelecendo relações sociais.

Toda criança é socializada em um determinado meio cultural e suas brincadeiras não surgem do nada, ao contrário são frutos da sociedade em que está inserida e são repletas de

significações, geralmente as brincadeiras costumam imitar a forma de vida dos indivíduos da sua cultura, como o trabalho de homens e mulheres e o convívio familiar, e mesmo aquelas crianças que utilizam brincadeiras que nada tem a ver com sua realidade, conseguem expressar seus sentimentos, anseios, suas vontades e fantasias (FRIEDMANN, 2013).

3 Procedimentos metodológicos

A investigação fundamentou-se no paradigma qualitativo, com o uso da metodologia denominada História oral. De acordo com Meihy (2002, p. 13), “a história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos, é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”. Adotou-se este modelo de pesquisa por considerar que a história oral é uma técnica que responde aos objetivos no tipo de estudo que foi proposto, pois, analisa o contexto, a partir das narrativas dos sujeitos, para compreender os fenômenos sociais em foco.

Para análise das narrativas foi feito o uso da técnica denominada análise do discurso, por ser uma abordagem social construcionista de pesquisa, adotando uma posição crítica no que diz respeito aos modos convencionados através dos quais entende-se o mundo e a nós próprios, isto é, modos que usamos para interpretar o mundo, no qual as análises interpretam a investigação do brincar com a terra no enfoque da cultura infantil. Considera-se que esses modos de compreensão foram edificados por meio de processos sociais, que portanto, são histórico e culturalmente específicos (COYLES, 2010).

De acordo com os princípios éticos para pesquisa com seres humanos em que se deve resguardar as identidades das pessoas, as crianças bem como os adultos tiveram sua identidade mantida em sigilo, sendo que durante a redação das informações, ao longo da análise/apresentação dos resultados da pesquisa, os dados coletados junto aos pais ou responsáveis e comunidade, foram identificados por nomes fictícios (nomeados por siglas), definindo também o gênero. Não houve uma quantidade definida de participantes dentro do universo populacional do local, já que a adesão à pesquisa se deu de forma voluntária, respeitando as condições de acessibilidade ou conveniência dos moradores, conforme Gil (2008).

As imagens ou narrativas dos participantes que aparecem no trabalho, estão devidamente autorizadas por meio de termo de consentimento livre e esclarecido, e o projeto

foi devidamente submetido e aprovado pela Plataforma Brasil. O número do CAAE 87078518.4.0000.0003, identifica o respaldo para o pesquisador, demonstrando que o projeto teve o parecer de aprovação pelo comitê de ética e também é uma segurança para as pessoas envolvidas na pesquisa.

4 A natureza como espaço de fomento das Culturas Infantis ribeirinhas: narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol

Os resultados parciais, foram colhidos durante os primeiros contatos com o *locus* da pesquisa, com base nas vivências, por meio da observação não participante e dos relatos dos moradores. Nesse contato, foi possível presenciar algumas práticas culturais do brincar, muitas delas bastante tradicionais, assim como os brinquedos feitos de materiais que são extraídos diretamente da natureza e da terra. Por ser um lugar de biodiversidade muito rica e diversa, porém, sem brinquedos industrializados, as crianças usam sua criatividade, criando e recriando cultura, brincam com todo e qualquer tipo de elemento material que está ao seu alcance.

Os adultos contribuíram com relatos sobre o brincar. Em uma das narrativas acerca das boas lembranças que tem da sua infância na comunidade e de como observa o brincar de hoje das crianças, P1, participante do sexo feminino revelou:

Não tinha outro brinquedo que a gente pudesse invejar naquela época, porque era aquilo que todas as crianças tinham, e gosto de ver criança brincando, porque eu acredito que a melhor lembrança que a gente guarda com perfeição da vida da gente, é a da infância, quase nada é ruim na nossa infância, tudo é muito gostoso de ser lembrado [...] Não é mais aqueles brinquedos da nossa época, mas eles ainda brincam sim, e muito, as meninas a gente ainda vê, brincando de boneca, brincam bastante, até bem grandinhas mesmo, os meninos são mais a parte de futebol, brincam de montaria, aí pela beira, remando [...] Eles brincam muito com bola, com barquinhos de madeira, pulando na água, nadando, fazem o futi-lama deles na beirada aí, parquinho, pira alta, pira esconde, pira pega, pira ajuda, vôlei, queimada [...] Todas essas brincadeiras (P1, relatos de pesquisa, 2018).

No contexto de um país plural como o Brasil, é salutar que se evidencie as peculiaridades culturais existente em cada canto da sociedade. Estas não podem ser tratadas com indiferença, mas valorizadas, pois fazem parte do arcabouço histórico brasileiro. Propiciar acesso à cultura é fundamental para o crescimento do indivíduo, daí a necessidade de valorização dos mais diversos aspectos culturais, seus costumes, suas artes, suas crenças

para compreender a sociedade em que se vive. Nesse sentido, conforme Brandão (2002) depreende-se que, ao se vivenciar uma cultura, é possível conviver com e dentro de um tecido, cenário dinâmico, viver uma cultura é estabelecer em si e com os outros a possibilidade do hoje. Consiste tanto de valores simbólicos, imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo.

Em uma conversa com P2, participante do sexo feminino, acerca das brincadeiras da sua infância, e das brincadeiras mais tradicionais presentes na comunidade, relata:

Da minha infância, não me lembro muito, não me lembro até porque era mais difícil negócio de brincadeira na minha infância, eu tinha que ajudar muito os meus pais, mais na roça que nós trabalhava na época. Na minha infância mesmo né, era difícil brincadeira... só nadando em cima de aningueira, de boia de aninga, era o que nós brincava também... É uma árvore que tem no mato, a gente corta e faz boia dela pra nadar em cima, ela boia, foi em cima do que eu aprendi a nadar, em cima de aninga (P2, relatos de pesquisa, 2018).

Santos, evidencia as dificuldades que enfrentou na sua infância, por precisar trabalhar para ajudar seus pais acabou privando-se dos momentos de brincar. Entende que por se tratar de outro tempo histórico, não se pode fazer uma análise atual, pois essa análise deve ser feita de acordo com o tempo em que o indivíduo viveu, qual era o ideal de sociedade, as visões de mundo, etc. O que se sabe é que as crianças eram mobilizadas para ajudar nos meios de subsistência, no sustento da família. P3, participante do sexo feminino, também comentou sobre as crianças da comunidade, e seu cotidiano.

Elas são muito chegadas a brincar na água, na água e na ponte, como diz, elas vivem pra lá e pra cá, conversando, batendo papo umas com as outras, de vez em quando elas dão uma entrada aqui na biblioteca, dão uma mexida aí, leem um pouco, e brincam no parquinho também lá, que foi feito pra eles né. Aquele parquinho lá, ele era na frente da escola estadual, lá na outra ponta da comunidade, mas como a gente viu que ele ficava muito isolado, porque pra lá a escola terminava ali, e não tinha ainda outras casas, aquelas outras famílias não tinha, então quando terminava as aulas, ficava muito isolado e era perigoso deixar a criança pra lá, aí a gente trouxe aqui pro meio da comunidade, pra frente da igreja, porque todos que passam ali, tão observando, fica mais seguro pra eles, as vezes as crianças brigam, não é frequente mas muitas vezes acontece né. Aí foi trazido pra cá e eles se divertem muito, esse parquinho aí tem muita história, não só com as crianças da comunidade, mas com crianças que, os pais são filhos da comunidade e que moram em Macapá, e quando é nas férias ele vêm pra comunidade, principalmente nas férias de final de ano. E o parque é sonho deles, se ficar feio eles reclamam (risos), tem que ajeitar de vez em quando (P3, relatos de pesquisa, 2018).

Nota-se que os adultos dessa comunidade, reconhecem a importância do brincar das crianças, incentivam e auxiliam, e sempre zelam pelos pequenos, não considerando a brincadeira como mero passatempo. Além disso, as crianças de Arraiol demonstram ter uma imaginação muito fértil, pois são capazes de criar e modificar objetos a partir do imaginário

Em Sarmiento (2004), compreende-se que o lúdico faz parte do contexto social do adulto e da criança, no entanto, esta é uma característica central das culturas infantis, pois, é brincando que as crianças constroem sua visão de mundo, sua aprendizagem, interpretam, criam, recriam, e constroem relações sociais. Enquanto que para os adultos, a brincadeira é apenas uma forma de distração. E, por fim, a fantasia, se constitui como uma característica particular do mundo da criança. Através da imaginação as crianças constroem novas possibilidades, experimentam novas sensações, criando situações, amigos imaginários, transformando objetos em algo de seu interesse, a fantasia é um fator essencial nas culturas infantis.

No decorrer dos relatos, as brincadeiras tradicionais vão sendo rememoradas, em algumas é possível visualizar exatamente como eram ainda hoje no brincar das crianças, outras vão sofrendo diversas modificações, até que se transformem por completo ou fiquem apenas na memória.

Um dos principais elementos que as crianças utilizam para brincar é o próprio corpo, quando jogam bola, quando sobem em árvores, quando brincam na lama, nas cantigas de roda, o nadar no rio, andar de montaria, dentre outros. Dessa forma o corpo se torna parte da constituição da cultura infantil.

As bonecas feitas de cachos de açaí, de bacaba ou de espigas de milho, os barquinhos de madeira, ou de casca de melancia, e muitos outros são brinquedos sazonais (dependentes do verão e da roça), como o contato com a comunidade foi feito no inverno, não se tem imagens de alguns brinquedos, porém, foram relatados pelos moradores nos primeiros contatos com a comunidade. Alguns ainda são feitos com frequência, outros nem tanto. Segue o relato do brincar de P5, participante do sexo masculino que reside na comunidade:

A gente brincava muito de carrinho, a gente construía nossos carrinhos, de lata de conserva, sardinha, óleo, a gente montava, pra fazer o carro queria, o pneu era de sandália, fazia as ruas, aquela extensão de chão, tudo capinado, era dia e noite (P5, relatos de pesquisa, 2018).

As brincadeiras antigas, são constantemente lembradas na comunidade, por mais

que algumas estejam caindo no esquecimento, percebeu-se que há uma preocupação, principalmente por parte dos professores e líderes da igreja que relataram que as cantigas de roda tradicionais e as brincadeiras são valorizadas e lembradas, ano após ano, como bem continua afirmando P5, : “A do uruá, nós fizemos ano passado, do jacarandá foi esse ano, todo ano há um resgate”. P6, participante do sexo masculino, também corrobora afirmando:

Na escola, eu brinco muito de cantigas de roda com eles, eles adoram brincar no rio, na lama mais ainda, de escorregar, e nas festas de quadrilha, a gente brinca de passar fogueira, passa fogueira, brinca de comadre, afilhados, e fica cantando músicas, vai rodando na fogueira e usando o nome dos santos, dá três rodas e aí no final a gente já é compadre, já é afilhado (P6, relatos de pesquisa 2018)

Enquanto na vida urbana cada vez mais se vive a era do consumismo, as roupas e a ostentação são a forma de dizer, onde o indivíduo se localiza na pirâmide social. Nessa comunidade, as crianças só se vestem de si mesmas.

Na parte lateral do barquinho feito de madeira, está escrito o nome da criança, precedido da contração “Comte.”, que significa comandante. Seu avô informou que a criança pediu para que o seu nome fosse escrito no barco, provavelmente a criança com seu barquinho quis imitar o que vivencia no seu cotidiano, que são os microempresários que trabalham no transporte de passageiros da capital para o distrito.

O brincar “simplificado”, é o suficiente para as crianças da comunidade de Arraiol, porque no simples, se encontra grandes riquezas culturais, basta que se compreenda essas riquezas, pois, o importante mesmo é brincar. Neste sentido, Hall (2002), faz uma crítica com relação a identidade no cenário atual, centrando-se na perda gradual do que se chama de identidade cultural, por conta da vida urbana e a cultura de massa, padrão este que contém símbolos e interesses universais, tais como o culto a marcas famosas, o consumismo e a busca de uma beleza padrão. Assim, a homogeneização e a fragmentação do sujeito e de sua identidade cultural, afetam diretamente a identidade das culturas híbridas.

Destarte, Geertz (1989) atenta para a ampliação do conceito de cultura para uma dimensão mais justa, não se deve tentar defini-la, reduzi-la, isso significa padroniza-la, não há como categorizar a cultura em uma estrutura facilmente compreensiva. Defende um conceito de cultura semiótico, isto é, que estuda os fenômenos culturais, desse modo afirma que a cultura é pública e o comportamento humano é uma ação simbólica, assim como a forma que uma sociedade toma, é reflexo substancial da cultura deste povo. Portanto, a

cultura se configura como incompleta, como uma ciência estranha, em constante modificação.

Candau (2012) corrobora afirmando, que nesta relação globalização versus multiculturalismo como nova forma de globalização, as lógicas são compostas, as relações e movimentos não podem ser vistos de modo simplificado, a convivência social, no contexto de um mundo globalizado, busca padronização, enquanto que no campo do multiculturalismo, a busca é pela compreensão e respeito pelas particularidades culturais e as diferenças.

Algumas considerações

Com base em análises que foram feitas através de estudos já realizados acerca do brincar ribeirinho, para embasamento teórico do próprio estudo aqui presente, observa-se que há algumas pesquisas envolvendo temáticas relacionadas ao brincar e a culturas infantis em comunidades ribeirinhas ou tradicionais, porém, há uma escassez em se tratando da Amazônia Amapaense, mais especificamente no Arquipélago do Bailique e principalmente envolvendo as culturas infantis, ou a infância como um todo, os poucos estudos existentes, geralmente se voltam para a comunidade geral. O estudo da cultura infantil se torna bem mais escasso, comprovando que ainda é uma realidade pouco conhecida, reconhecida e valorizada como patrimônio cultural, apesar de muito rica.

De fato, ainda no Brasil contemporâneo, são presentes práticas etnocêntricas empobrecedoras que perduram em todo o cenário social, também conhecidas como práticas hegemônicas ou colonizadoras. A compreensão errônea do processo engessado de formação intelectual da criança, é histórica, devido o arrastar de pensamentos e necessidades que sempre se mantiveram envoltos as crianças, percebendo-as como seres a espera de algo, o ser adulto para servir o mercado de trabalho, e não seres em uma etapa de vida. Os estudos iniciais revelaram que Arraiol é uma comunidade muito rica em saberes e fazeres do brincar, nesse processo de aprender e ensinar, tendo como elemento central o brincar, percebeu-se que as crianças criam e recriam suas próprias culturas, modificando aquilo que elas aprendem e dando significados próprios, deixando ali registrado sua identidade.

É a busca pela desconstrução desse discurso monocultural arraigado nos indivíduos e pela valorização das diferenças e reconhecimento do outro que o texto dialoga, sugerindo reflexões acerca desta problemática. Mas para que o caminho seja positivo, é necessário o reconhecimento da cultura infantil, bem como a valorização do brincar e da infância e

rebeldia contra o universo de preconceitos e discriminações presentes na sociedade brasileira. Assim é possível se situar de maneira crítica, de modo a promover experiências de interação com o outro, articulando igualdade e ao mesmo tempo o respeito ao diferente.

Referências

ARENHART, Deise. *Culturas infantis e desigualdades sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como cultura*. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002.

BROUGÈRE, G. *A criança e a cultura lúdica*. In: KISHIMOTO, T. M. [Org]. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage learning, 2012.

CANDAU, V.M. (Org.) *Didática crítica intercultural: aproximações*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CARVALHO, N.; FERREIRA, N. Práticas lúdico-corporais de crianças ribeirinhas. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/71_Anais_349.pdf>. *Revista Brasileira de Educação Física*, São Paulo, Esp. v. 20, p.349-76, set. 2006. Suplemento n. 5. Acesso em: 19. jan. 2018.

COYLES, A. Análise do discurso. In: _____. *Métodos de pesquisa em psicologia*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FRIEDMANN, Adriana. *Linguagens e culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Amapá*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=160030>> Acesso em: 27 jan. 2018.

LOPES, José Cordeiro dos Santos. *Arraiol do Bailique: uma história de resistência cabocla*. 2017.

MEIHY, José. Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SARMENTO, Manoel Jacinto. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004. Disponível em:

<<http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/disciplinas/brinquedosebrincadeiras/4.pdf>

>. Acesso em: 12 jan 2018.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

recebido em 21 jun. 2018 / aprovado em 01 out. 2018

Para referenciar este texto:

BRANDÃO, P. P. N.; BRITO, Â. C. U. Vamos brincar na terra? Uma experiência de valorização e resgate da cultura infantil com moradores da comunidade de Arraiol na Amazônia Amapaense. *Dialogia*, São Paulo, n. 30, p. 121-132, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n30.8825>>.